

Feminismo e a causa pró-democracia na Tailândia

Via [Europe Solidaire](#)

Desde o início de 2020, a Tailândia tem testemunhado uma notável onda de protestos políticos, inicialmente desencadeada pela dissolução do Partido Progressista do Futuro [1] e pelo sequestro no Camboja do ativista pró-democracia Wanchalerm Satsaksit. [2] Ao longo do ano passado, ocorreram manifestações em muitas partes do país, embora principalmente em Bangkok.

Os manifestantes, frequentemente reunidos como uma coalizão que se autodenomina Khana Ratsadon ou Partido Popular em homenagem ao grupo que substituiu a monarquia absoluta pelo governo constitucional em 1932, tinham feito três exigências centrais. Estas incluem a renúncia do Primeiro Ministro Prayut Chan-ocha e seu gabinete, a reforma da monarquia e a emenda da Constituição militar de 2017. [3] Ter a coragem de discutir e criticar a realeza – um dos temas mais tabu da sociedade tailandesa – diferenciou este grupo de manifestantes de seus predecessores.

Além de observar suas ousadas reivindicações, os observadores têm frequentemente caracterizado esta onda de protestos como um movimento juvenil. Os estudantes do ensino médio e universitário têm sido de fato os principais atores. [4] Entretanto, os protestos são mais complicados do que parecem. A nova Khana Ratsadon é uma rede de muitos grupos – incluindo feministas, pessoas LGBTQ+, pessoas com deficiência e ativistas ambientais, além de estudantes. Assim, a conversa entre os manifestantes sobre o estado da Tailândia muitas vezes vai muito além da democracia e da reforma da monarquia. Ela inclui outras agendas progressistas, tais como igualdade de gênero, direitos LGBTQ+ e preocupações ambientais. O foco

deste documento é a primeira dessas preocupações.

As Feministas

Os papéis conspícuos das jovens mulheres nesta onda de protestos em curso colocaram-nas no centro das atenções. Ao contrário dos comícios anteriores, que eram frequentemente liderados por homens, as mulheres estão agora assumindo papéis de liderança para apelar para a democracia. Simultaneamente, elas compartilharam histórias das lutas das mulheres na sociedade tailandesa, concentrando-se particularmente na condição feminina na política – que se agravou acentuadamente desde o golpe de 2014. Em 2013, a Tailândia foi classificada entre os primeiros 65% no ranking de Empoderamento Político pelo Relatório Global de Hiato de Gênero do Fórum Econômico Mundial. [6] Em 2021, ela havia caído drasticamente para os 14 por cento inferiores. [7] Embora o número de mulheres no Parlamento tenha aumentado de 5,3% para 16,2% após as eleições nacionais de 2019, tanto os colegas políticos quanto a atenção do público muitas vezes visam as aparências ou vestimentas de representantes femininas, em vez de seu desempenho ou capacidade. [8]

Além do Parlamento, as mulheres que participam de protestos pró-democracia destacaram políticas que são produtos do patriarcado. Elas pediram uma emenda à nova lei do aborto [9], maior acesso das mulheres aos produtos sanitários e o fim do assédio sexual nas instituições tailandesas.

Enquanto estas questões parecem estar alinhadas com um apelo mais amplo pela democracia, as feministas nos protestos pró-democracia se vêem combatendo uma guerra de duas frentes. Em uma frente elas exigem democracia e o fim do atual regime autoritário, e em outra, elas lutam pela igualdade de gênero contra outras manifestantes pró-democracia que não apoiam os objetivos feministas.

Esta peça procura capturar as perspectivas das manifestantes

feministas a partir da base. Ela se baseia em entrevistas com duas feministas auto-identificadas que participaram ativamente de comícios políticos ao longo do ano passado [10] e procura colocar suas experiências e preocupações em um contexto mais amplo. A primeira entrevistada, “Fern” [11], é uma graduada de 27 anos de uma das mais prestigiadas faculdades de direito do país. Atualmente, ela é funcionária jurídica de uma empresa estatal em Bangkok. A segunda entrevistada, Sai, [12] é uma recém-formada de 25 anos de uma das faculdades mais antigas de uma conhecida universidade tailandesa, onde ela se formou em Literatura Inglesa. Ela agora está trabalhando como gerente de uma escola de fotografia em Bangkok.

Ambas as entrevistadas participaram de seus primeiros protestos políticos em 2020. O ressentimento e o desapontamento com o sistema, desencadeados principalmente pela dissolução do Partido do Futuro em fevereiro de 2020, as motivou. Sai, que há muito tempo é politicamente ativa em sua conta no Twitter, disse que a decisão da Corte Constitucional de dissolver o partido foi como deitar óleo no que já era uma discussão acalorada sobre a impotência da sociedade civil no mundo on-line. “Isso nos fez perceber que precisávamos ser mais barulhentos e transformar algo em uma forma mais concreta, mais tangível do que simplesmente reclamar na Internet”, disse Sai. [13]

Como uma ex-aluna de Direito, Fern tinha a certeza de que os princípios legais não justificavam a dissolução do Futuro Futuro. Portanto, ela estava “muito decepcionada com os processos legais”. Como estudante de direito, eu conheço os princípios. Eu sabia como o resultado deveria ser. Assim, fiquei muito triste e zangada quando vi os resultados reais”. [14]

Fern não teve que pensar duas vezes antes de se juntar aos protestos nas ruas desde então. Vendo-se tanto como tailandesa quanto como cidadã global, ela quer contribuir com seu tempo e energia para fazer da Tailândia e do mundo um lugar melhor.

“Apelo pela democracia e mudanças sistemáticas não só para mim, mas também para aqueles que não têm os recursos de tempo, energia e dinheiro como eu. Assim, tenho que ser o mais barulhenta possível”, explicou Fern. [15]

Da mesma forma, a Sai tornou-se uma participante frequente do movimento pró-democracia. Ela se vê como uma contribuinte para tornar as multidões maiores e mais fortes. “Senti que só por estar ali já havia uma contribuição significativa”, disse Sai. [16]

Protestos de diversidade

Enquanto objetivos políticos como a democracia foram as razões pelas quais Fern e Sai inicialmente se juntaram aos protestos de rua, ambas as mulheres rapidamente perceberam que as pessoas do movimento tinham origens diversas e estavam expressando suas agendas em voz alta – seja nas ruas, no palco ou no mundo on-line. O movimento oferecia “um espaço onde pessoas de diferentes grupos podiam se juntar”. Elas vieram para falar sobre suas agendas”, disse Sai. [17]

As pessoas que subiram ao palco para conversar com a multidão não só falavam de democracia ou criticavam a monarquia. Cada um deles também representava seu próprio grupo social. No protesto de Sanam Luang em 18 de setembro de 2020, por exemplo, o grupo de oradores era diversificado, incluindo o ativista LGBTQ+ Chumaporn “Waddao” Taengkliang, o ativista ambiental Prasitchai Noonuan, o líder da Rede de Maus Estudantes Lapanapat “Min” Wangpaisit, e Chatchai “Champ” Pumpuang da Rede Sindical de Designers. [18]

Nas ruas, uma característica icônica desta onda de protestos foi um evento chamado “Mob Fest”, onde diferentes grupos sociais se reuniram e montaram estandes para promover determinadas agendas através de apresentações, discussões e apresentações. [19] Este arranjo fez com que as manifestações parecessem um festival. [20] Os manifestantes podiam aparecer

para participar de campanhas e aprender mais sobre várias questões sociais no Mob Fest.

Uma das campanhas mais importantes foi o #AnonymousMeetingPoint (#匿名集會MeetingPoint), organizado como uma colaboração entre vários grupos feministas e LGBTQ+. A campanha designou vários locais onde mulheres, pessoas LGBTQ+ e jovens que participaram sozinhos do protesto puderam se encontrar e encontrar companhia. Os locais ajudaram a garantir que essas manifestantes estariam seguras enquanto participavam das manifestações [21], ao mesmo tempo em que sinalizavam que mulheres, pessoas LGBTQ+ e jovens não se sentiam seguras quando estavam sozinhos.

Outras campanhas representadas no Mob Fest muitas vezes se concentraram na coleta de assinaturas para introduzir ou emendar leis, com objetivos como legalizar a prostituição [22], emendar leis sobre aborto, propor a Lei do Ar Limpo, [23] e até mesmo legalizar a cerveja artesanal na Tailândia. [24]

Num relance, a participação ativa das feministas e a promoção de muitas questões sociais em locais de protesto pareceu quase fora de contexto com as exigências centrais das manifestantes pela demissão do Prayut e a reforma da monarquia.

Para explicar este fenômeno, a professora Tamara Loos, da Universidade Cornell, aponta que “Com efeito, as manifestações se tornaram caminhos para os jovens não apenas para recusar a monarquia, mas também para exigir o direito à não-conformidade”. [25]

Loos argumenta que a não conformidade no contexto da Tailândia e especificamente no dos protestos em andamento oferece “críticas à hierarquia do status quo e recusa de se conformar às tradições em todos os níveis”. [26] Em outras palavras, além dos militares e da monarquia, os manifestantes desafiam todas as instituições que eles percebem como autoritárias. Em

sua opinião, “cada aspecto destes protestos é algo mais amplo do que explicitamente político; sua mensagem é a de recusar a conformidade com as normas culturais existentes, que apenas reforçam a hierarquia do status quo”. [27]

O pensamento de Fern e Sai corrobora o ponto de vista de Loos. As duas feministas tailandesas acreditam que os protestos não são apenas uma luta contra instituições individuais. Ao contrário, elas são uma batalha contra tradições autoritárias e hierárquicas que definem muitas instituições na Tailândia. Fern observa que, além do governo autoritário, ela também está lutando contra a “hierarquia de gênero e supremacia masculina” que há muito fazem parte da sociedade tailandesa. [28]

Apesar da vibrante diversidade dos manifestantes, os participantes das manifestações não aceitaram todas as agendas de forma igual. As feministas se vêem desafiadas – muitas vezes por seus companheiros de protesto pró-democracia.

“Muitos manifestantes apoiam a democracia, mas não concordam com as feministas”!

Como com qualquer movimento social maciço, surgiram confrontos entre as manifestantes pró-democracia. Em muitas ocasiões, elas têm colocado feministas contra não-feministas.

Fern compartilhou que “às vezes, os líderes masculinos no palco usavam palavras que conotam inferioridade feminina... algo como ‘cara de vagina’, como frases insultuosas”. [29] Muitas das pessoas presentes, especialmente feministas, sentiam-se ofendidas e respondiam: “NÃO insulte uma vagina”. Ela explicou que “embora seja bastante comum em nossa cultura usar frases envolvendo genitália como palavras insultuosas ou amaldiçoantes, temos que entender que, em um determinado contexto, está oprimindo as mulheres”. [30]

As oradoras dos protestos explicitaram estas preocupações. Em um protesto na Universidade Chiang Mai em 18 de outubro de 2020, por exemplo, Kornkanok “Pup” Kamta, uma representante da

Frente Feminista de Libertação [31], apelou para uma nova cultura de protesto, encorajando as pessoas a deixarem de usar termos como “cara de vagina” ou “prostituta” como insultos. [32] Pup disse que “uma vagina não é algo a insultar, e a prostituição é uma profissão legítima”. [33]

Além das agendas relacionadas às mulheres, as feministas também apoiam a campanha pelos direitos LGBTQ+. Isto porque, “para as feministas, o termo feminismo não se trata de ‘as mulheres serem as melhores ou melhores que os homens’. Em vez disso, significa ‘todos os gêneros são iguais em todos os assuntos’”, disse Fern. [34]

Assim, quando John Winyu Wongsurawat, um popular e carismático apresentador de TV pró-democracia, discutiu a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo em seu programa Daily Topics e observou que “Se os direitos das pessoas comuns ainda não estão aqui, os direitos LGBTQ+ dificilmente virão”, seus comentários provocaram raiva tanto das pessoas LGBTQ+ quanto das feministas. [35] Muitos apontaram que suas palavras sugeriam uma hierarquia de preocupações. Esta postura contradiz seus princípios pró-democracia.

John Winyu é um exemplo do que os manifestantes feministas pró-democracia chamam de “esquerdomacho Thai”. [36] Surgindo das discussões no Twitter, o termo se refere a homens que apoiam a democracia, mas “não parecem entender e apoiar a igualdade de gênero”, explica Fern. “E quando levantamos alguns pontos que, para nós, são claramente produto do patriarcado, eles pensam que ‘as feministas são tão irritantes e nunca estão felizes com nada’”. [37]

Sai observa que “as feministas são retratadas ou pintadas como as pessoas exigentes”. Por isso, muitas vezes, as pessoas nem sequer prestam atenção ao que temos a dizer”. Ela vai mais longe para comparar a imagem das feministas com a do ‘sa-lim’, um termo que se refere a pessoas que são contra os manifestantes pró-democracia. “Se os ‘sa-lim’ são vistos como

aqueles que sempre gritariam seus pulmões pelo que acham certo e não se preocupam em ouvir, eles [homens tailandeses de esquerda] provavelmente nos vêem [feministas] também dessa forma”. [38]

Democracia e igualdade de gênero

A opinião de John Winyu não é rara. Na verdade, alguns manifestantes pró-democracia compartilham seu pensamento. Eles sustentam que a democracia deve ser a prioridade, e a igualdade de gênero pode vir mais tarde. Fern e Sai discordam e perguntam, com efeito, “por que não podemos conduzir por múltiplas agendas ao mesmo tempo”?

“Democracia não é apenas levantar as mãos e votar, mas vem com direitos, liberdade, igualdade e solidariedade”, disse Fern, que vê que a igualdade de gênero se enquadra claramente no guarda-chuva da democracia. [39]

O maior inimigo das feministas, argumentam elas, é o patriarcado, que existe como o núcleo de muitas instituições na Tailândia – da família, da escola e dos militares até a instituição real. [40] É o elemento invisível que afeta a vida de todos de uma forma ou de outra, inclusive a dos homens. Em uma entrevista com um meio de comunicação online tailandês, The MATTER, o ativista LGBTQ+ Waddao disse que “Primeiro de tudo, temos que entender que o patriarcado não representa, de forma alguma, o homem”. [41] Os homens também podem ser vítimas do patriarcado através da “masculinidade tóxica”. [42] Assim, sugeriu Waddao, um fim ao patriarcado também beneficiaria os homens.

Os ativistas feministas pró-democracia frequentemente trazem à tona o exemplo da prática poligâmica do rei Vajiralongkorn. Em julho de 2019, o monarca nomeou oficialmente Sineenat “Koi” Wongvajirapakdi como sua “nobre consorte”. [43] Ele assim reavivou uma tradição que não havia sido testemunhada na Tailândia desde o fim da monarquia absoluta em 1932. [44] Mais

tarde, o rei usou seu poder para rebaixar e depois reconduzir Koi apenas com o estalar de seus dedos. [45] Estes eventos exemplificaram não apenas o poder do rei, mas também o status da monarquia tailandesa como uma instituição patriarcal.

Exemplos como este explicam porque, para as feministas, o patriarcado é um tema inevitável na luta pela reforma da monarquia.

Caminhos a seguir

Apesar da clara ligação entre igualdade de gênero e democracia, as feministas ainda se sentem presas em relação a seus companheiros de protesto pró-democracia. Fern e Sai compartilham a opinião de que a democracia parece ser mais facilmente alcançável do que a igualdade de gênero, porque o patriarcado e a desigualdade de gênero estão profundamente enraizados na história humana. [46]

A luta pela democracia na Tailândia muitas vezes envolve confrontos físicos com as autoridades. Eles custaram a vida ou a liberdade de muitas pessoas. A democracia, sem dúvida, não é uma coisa fácil de se alcançar. Assim, “a democracia é mais alcançável do que a igualdade de gênero” é de fato uma mensagem notável, revelando as lutas em várias camadas que as feministas estão enfrentando.

No entanto, Fern e Sai tentam permanecer compreensivas. Sai admite que a fratura sobre o feminismo entre os manifestantes é uma questão difícil, mas não inesperada. “É claro que deve haver conflitos. É impossível que todos, mesmo entre aqueles que querem a democracia, concordem 100% sobre tudo”. [47] Fern acrescenta que “é impossível fazer com que todos pensem como eu penso. Se eu digo que quero que todos pensem como eu, então eu sou uma ditadora”. Não seria irônico então”? [48]

Fern e Sai também entendem que, como o patriarcado faz parte da sociedade há muito tempo, a mentalidade patriarcal pode ser difícil de ser alterada. Fern diz que “quanto mais nós

[feministas] recuarmos, mais improvável será que ocorram mudanças”. Não posso dizer que eles [os homens tailandeses esquerdistas] entenderiam, mas pelo menos saberiam as consequências de suas palavras e ações”. [49] Revisando o caso de John Winyu, ela diz que, “após o incidente, John Winyu pode não entender imediatamente as complicadas questões de gênero, mas, pelo menos, agora ele está mais consciente de como seus comentários sobre as pessoas LGBTQ+ podem causar um retrocesso”. [50]

Sai compartilha um pensamento semelhante. “Só temos que continuar falando em voz alta”. Ela vê a democracia de duas formas – uma no sistema e a outra na mentalidade. “Um sistema democrático pode ser alcançado através da reforma, mas isso não significa que todos terão automaticamente as verdadeiras ideias de democracia – igualdade, ouvir uns aos outros e empatia – instaladas em sua mentalidade. A mentalidade democrática pode acontecer se continuarmos educando uns aos outros, portanto não devemos nos cansar de aumentar a conscientização sobre as questões de gênero e empurrar contra o patriarcado; esta será uma longa jornada”, diz ela. [51]

As manifestantes feministas e não feministas na Tailândia de hoje têm um inimigo comum – o regime autoritário, que – afirma um proeminente ativista erudito – não mostrou “nenhum sinal de vontade de negociar com a democracia”. [52] Consequentemente, Tamara Loos observa, mantendo uma espécie de uniformidade estratégica a partir de dentro, os ajudará a atingir seu objetivo comum. [53] É provável que as discordâncias sempre aconteçam e que as críticas sejam expressas, e os manifestantes terão que permanecer empáticos, para continuar aumentando a conscientização e educando uns aos outros.

BBC, “ Thai protests: How pro-democracy movement gained momentum”, 15 de Outubro de 2020 (<https://www.bbc.com/news/world-asia-54542252>, acessado a 18 de Junho de 2021). O recém-criado Partido do Futuro ?Adiante ocupou o terceiro lugar nas eleições nacionais de Março de

2019. A sua agenda progressista, que incluía a legalização do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo, atraiu muitos tailandeses mais jovens. Menos de um ano após as eleições, o Tribunal Constitucional dissolveu o partido, argumentando que este tinha beneficiado de financiamento impróprio de Thanathorn Juangroongruangkit, o líder do partido.

[2] Ibidem. Em Junho de 2020, Wanchalerm Satsaksit, um ativista pró-democracia que vive no exílio desde 2014, foi noticiado como tendo sido raptado numa rua em Phnom Penh, Camboja. As suspeitas recaíram sobre o governo tailandês, que se esqueceu de responder. Wanchalerm continua desaparecido até hoje.

[3] Thai PBS, “Reincarnou Khana Rasadorn para pressionar três exigências em 14 de Outubro de 2020”, 8 de Outubro de 2020 (<https://www.thaipbsworld.com/reincarnated-khana-rasadorn-to-press-three-demands-in-october-14th-protest>, acedido a 18 de Junho de 2021).

[4] Ver, por exemplo, BBC, “Thai protesta: How pro-democracy movement gained momentum”; John Reed, “Inside Thailand’s youth revolution”, Financial Times, 6 de Novembro de 2020 (<https://www.ft.com/content/c2a530ba-a343-4007-a324-c2d276b95883>, acessado a 18 de Junho de 2021); Kanokrat Lertchoosakul, “The white ribbon movement: high school students in the 2020 Thai youth protests”, Critical Asian Studies 53, 2 (2021): 206-218 (<https://doi.org/10.1080/14672715.2021.1883452>); e Tamara Loos, “A Revolutionary Change in Thailand Protests Against the Monarchy Signal a Break With the Past”, Foreign Affairs, 7 de Dezembro de 2020 (<https://www.foreignaffairs.com/articles/thailand/2020-12-07/revolutionary-change-thailand>, acessado a 17 de Junho de 2021).

[5] Sebastian Strangio, “Report Shines Light on Thailand’s Women Protest Leaders”, The Diplomat, 4 de Fevereiro de 2021

(<https://thediplomat.com/2021/02/report-shines-light-on-thai-lands-women-protest-leaders>, acessado a 16 de Junho de 2021).

[6] World Economic Forum, “The Global Gender Gap Report 2013”, 20 de Outubro de 2013 (http://www3.weforum.org/docs/WEF_GenderGap_Report_2013.pdf, acessado a 24 de Junho de 2021), p. 357.

[7] World Economic Forum, “The Global Gender Gap Report 2021”, 30 de Março de 2021 (http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2021.pdf, acessado a 24 de Junho de 2021), p. 367.

[8] Waraporn Chamsanit, “[\[Igualdade de género: a questão que a sociedade tailandesa tem de ponderar\]](https://ngthai.com/cultures/26986/sexual-equality-in-thai-society)”, 4 de Janeiro de 2020 (<https://ngthai.com/cultures/26986/sexual-equality-in-thai-society>, acessado a 25 de Junho de 2021).

[9] Em Janeiro de 2021, o parlamento tailandês alterou o código penal para afrouxar as restrições ao aborto. A lei alterada permite que as mulheres façam um aborto durante as primeiras 12 semanas de gravidez. Continua a ser um ato criminoso interromper uma gravidez após as 12 semanas. As manifestantes estão a pressionar para a extensão do direito ao aborto para além das 12 semanas. Ver “Tailândia: Aborto no Primeiro Trimestre Legalizado”, Global Legal Monitor, Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, 1 de Março de 2021 (<https://www.loc.gov/law/foreign-news/article/thailand-abortion-in-first-trimester-legalized>, acedido a 23 de Junho de 2021).

[10] As entrevistas foram conduzidas online como parte do projeto mais amplo do autor sobre “Identidades entre os Protestantes Pro-Democráticos na Tailândia”. O projecto explora diferentes grupos sociais e identidades entre os participantes nos protestos pró-democracia em curso, incluindo feministas, pessoas LGBTQ+, estudantes, pessoas com

deficiência, e pessoas da Tailândia rural. Procura compreender as identidades que partilham, potenciais conflitos entre elas, e a forma como gerem esses conflitos. A entrevista com “Fern” foi conduzida a 29 de Abril de 2021, e a entrevista com “Sai” foi conduzida a 26 de Maio de 2021. Ambas as entrevistas foram conduzidas via Zoom com a permissão das entrevistadas para gravar e citar as suas declarações.

[11] O nome é um pseudónimo, escolhido pela entrevistada.

[12] O nome é um pseudónimo, escolhido pela entrevistada.

[13] Entrevista da autora com Sai, 26 de Maio de 2021.

[14] Entrevista da autora com Fern, 29 de Abril de 2021.

[15] Ibid.

[16] Entrevista da autora com Sai, 26 de Maio de 2021.

[17] Ibidem.

[18] Prachachat, “<https://www.prachachat.net/politics/news-523999>, acessado a 17 de Junho de 2021).

[19] Bangkok Biz News, “<https://www.bangkokbiznews.com/news/detail/907761>, acessado a 25 de Junho de 2021).

[20] Ibid.

[21] Twitter @femliberateth, “<https://twitter.com/femliberateth>, (Frente Feminista de Libertação (Frente de

Libertação das Mulheres)], 18 de Setembro de 2020 (<https://twitter.com/femliberateth/status/1306877365780467722>, acessado a 19 de Junho de 2021).

[22] Twitter @JiPaTaBook, “#Mob7March #WalkThroughTheSky come sign your name to call to amend the law!”, 7 de Março de 2021 (<https://twitter.com/JiPaTaBook/status/1368568154201280518/photo/1>, acessado a 19 de Junho de 2021).

[23] Twitter @whathappeninmob, “Localizações para #CleanAirAct”, 21 de Março de 2021 (<https://twitter.com/whathappeninmob/status/1373619788023361536>, acedido a 19 de Junho de 2021).

[24] Twitter @nefj94, “Aqui está uma campanha do Grupo Craft Beer”, 16 de Setembro de 2020 (<https://twitter.com/nefj94/status/1306164770467241985>, acessado a 19 de Junho de 2021).

[25] Tamara Loos, “Uma Mudança Revolucionária”.

[26] Entrevista da autora com Tamara Loos, conduzida online, 17 de Junho de 2021.

[27] Ibid.

[28] Entrevista da autora com Fern, 29 de Abril de 2021.

[29] Ibid.

[30] Ibidem.

[31] O grupo foi então chamado Frente de Libertação das Mulheres. Num esforço para se tornar mais inclusivo, mudou o seu nome para Frente de Libertação Feminista, em Novembro de 2020. Ver Prachatai, “

‘[Fronte de Libertação Feminista muda de nome para “Fronte de Libertação Feminista” para se alargar, aiming for gender equality], 15 de Novembro de 2020 (<https://prachatai.com/journal/2020/11/90426>, acedido a 25 de Junho de 2021).

[32] Prachatai, “[Assim que for feita a marcação, eles vêm, #Mob180ct enchendo o Monumento da Vitória sob a chuva, aqui e noutro lugar], 18 de Outubro de 2020 (<https://prachatai.com/journal/2020/10/90021>, acessado a 18 de Junho de 2021).

[33] Ibid.

[34] Entrevista da autora com Fern, 29 de Abril de 2021.

[35] Daranee Thongsiri, “[Feminista Perspectiva: democracia é diversidade e LGBTIQ não são apenas um grupo], Feminista, 14 de Julho de 2020 (<http://www.feminista.in.th/post/feminista-perspective-democracy-lgbt-rights-intersectional>, acedido a 18 de Junho de 2021).

[36] Ou seja, [redacted].

[37] Entrevista da autora com Fern, 29 de Abril de 2021.

[38] Entrevista da autora com Sai, 26 de Maio de 2021.

[39] Entrevista da autora com Fern, 29 de Abril de 2021.

[40] Hannah Beech e Muktita Suhartono, “Young Women Take a Frontline Role in Thailand’s Protests”, New York Times, 24 de Setembro de 2020 (<https://www.nytimes.com/2020/09/24/world/asia/thailand-protests-women.html>, acessado a 14 de Junho de 2021).

[41] Jiratchaya Chaichumkhun, “[redacted]

“A democracia que não deixa ninguém para trás deve ter equidade de género. Uma conversa com Chumaporn Taengklinag”, The MATTER, 27 de Outubro de 2020 (<https://thematter.co/social/gender/interview-waaddao-gender/127058>, acessado a 20 de Junho de 2021).

[42] Ibid.

[43] Hannah Beech, “‘Extremamente Maldosa Conduta’: Thailand’s Palace Intrigue Spills Into View”, New York Times, 6 de Novembro de 2019 (<https://www.nytimes.com/2019/11/06/world/asia/thailand-king-consort-wives.html>, acessado a 19 de Junho de 2021).

[44] Ibid.

[45] Ibid.

[46] Entrevista da autora com Sai e Fern, 29 de Abril e 26 de Maio de 2021.

[47] Entrevista da autora com Sai, 26 de Maio de 2021.

[48] Entrevista da autora com Fern, 29 de Abril de 2021.

[49] Ibid.

[50] Ibid.

[51] Entrevista da autora com Sai, 26 de Maio de 2021.

[52] Pavin Chachavalpongpun, “‘Good Coup’ Gone Bad: Thailand’s Political Developments since Thaksin’s Downfall”, pp. 3-16 em Pavin Chachavalpongpun, ed., “Good Coup” Gone Bad: Evolução política da Tailândia desde a queda de Thaksin (Singapura: ISEAS Publishing, 2014), p. 8.

[53] Entrevista da autora com Tamara Loos, 17 de Junho de 2021.